

A LATERALIDADE COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA VIVÊNCIA COM DANÇA NO PIBID

ALICE GARCIA DE ARAUJO¹; TAUANA OXLEY PEREIRA²;
MARCO AURELIO DA CRUZ SOUZA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – alicearaujo.ufpel@gmail.com*

²*Secretaria Municipal de Educação – tauana.oxley@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – marcoaurelio.souzamarco@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar e refletir sobre uma experiência pedagógica desenvolvida no contexto do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), do núcleo Dança da Universidade Federal de Pelotas, que permite aos licenciandos vivências cotidianas reais do ambiente escolar, desde os primeiros períodos da graduação, enriquecendo seu processo formativo. Essa experiência foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil Antônio Carangi, em Pelotas (RS), com uma turma do Pré-2. A proposta teve como foco o trabalho com a lateralidade a partir de práticas corporais dançadas, compreendendo a lateralidade não como uma habilidade técnica restrita à distinção entre direita e esquerda, mas, como um processo de alfabetização corporal atravessado por elementos como espaço, tempo, ritmo, relação e expressividade, alinhados a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) que reconhece a criança como sujeito de direitos e propõe que a primeira etapa da educação básica esteja organizada a partir de campos de experiências, e não por áreas disciplinares, valorizando as formas próprias da criança de ser e estar no mundo. Assim, na Educação Infantil, o corpo é o principal instrumento de conhecimento, sendo por meio dele que a criança experimenta, interage e aprende.

Nesse contexto, a lateralidade (entendida como a vivência dos dois lados do corpo, a orientação no espaço e a organização corporal) não deve ser abordada como uma habilidade isolada ou mecânica. Pelo contrário, deve ser experimentada de maneira integrada ao movimento, à brincadeira e à expressão. Laban (1978) aponta que o movimento humano se dá a partir da interação entre corpo, espaço, tempo e peso. Para ele, a consciência do espaço não é apenas geométrica, mas vivida. Cada gesto leva em si uma direção, uma intenção e um sentido expressivo. Dessa forma, a lateralidade, na perspectiva da dança, pode ser compreendida como a construção de uma escuta corporal que permite reconhecer as direções espaciais como parte do próprio mover, e não como comandos externos a serem reproduzidos, assim como dialoga Almeida (2013) ao sugerir que na Educação Infantil a dança deve estimular a descoberta e a exploração do corpo, e não se limitar à repetição de movimentos padronizados, sendo preciso valorizar práticas que ampliem a consciência corporal, o uso do espaço e o brincar, favorecendo o autoconhecimento, a relação com o outro e com o ambiente.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Durante a atuação na escola de uma das bolsistas autoras deste texto, foram planejadas três propostas pedagógicas com foco na lateralidade, articuladas à linguagem da dança e ao cotidiano dos alunos. As aulas foram construídas de forma sequencial, a fim de reavivar a memória das crianças quanto ao tema, mas, de forma diversificada.

Na primeira aula, foi proposta uma adaptação da brincadeira da dança das cadeiras. Cada assento recebeu uma seta de E.V.A. colada em seu encosto,

indicando uma direção (direita ou esquerda). Ao parar a música, a criança deveria observar a seta da cadeira onde sentou e realizar um movimento com o corpo naquela direção, como girar o tronco, levantar um braço ou pisar com o pé correspondente. A proposta gerou um entusiasmo inicial, mas em certos momentos causou confusão nas crianças. Além disso, foi utilizada uma música da cantora Xuxa, que não despertou tanto interesse neles, revelando a importância de selecionar mídias e repertórios próximos da cultura das crianças.

Foto da primeira aula realizada:



Na segunda aula, foi desenvolvida a brincadeira do espelho corporal, onde, em duplas, os alunos imitavam os movimentos do colega à sua frente, alternando os papéis de condutor (quem criava os movimentos) e espelho (quem repetia os movimentos). Essa atividade se mostrou especialmente potente, pois, mobilizou não apenas a lateralidade, mas também a observação, a atenção, a escuta do outro e a construção de vínculos. Como destaca Vianna (2005) o corpo aprende não apenas por repetição, mas pela escuta sensível de si e do ambiente que o atravessa, dançando de forma mais sólida com essa percepção.

A terceira aula, embora não tenha sido aplicada, foi planejada como um circuito corporal em zigue-zague, em que as crianças se deslocariam alternando os lados do corpo. A proposta visava aprofundar a escuta espacial e corporal, em continuidade com experiências já realizadas pela professora regente da disciplina (Dança), o que favoreceria a integração entre a proposta do PIBID e a rotina da Educação Infantil.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida no contexto do PIBID permitiu não apenas a aplicação prática de conhecimentos aprendidos na universidade, mas também uma escuta mais atenta das infâncias, dos corpos e dos espaços escolares. Ao

propor o ensino da lateralidade por meio da dança, o que se revelou não foi um treino motor ou uma memorização de comandos, mas sim, uma abertura para que as crianças se reconhecessem em movimento, em relação a si com o espaço e em criação de movimentos. Ao longo das propostas, foi possível observar como a lateralidade não se restringe à distinção entre direita e esquerda, mas envolve um processo mais amplo de constituição do corpo no espaço: corpo que gira, que inclina, que espelha, que se desloca, que observa o outro e que se percebe agindo. A dança, como linguagem sensível, ofereceu um campo fértil para que essas vivências ocorressem de forma significativa, lúdica e afetiva, respeitando os tempos e modos próprios de ser e estar das crianças.

O brincar com o corpo, mediado pelo gesto, pela escuta e pela improvisação, possibilitou que as crianças se envolvessem ativamente nas propostas, trazendo suas dúvidas, seus repertórios, suas descobertas e até seus desconfortos. A lateralidade, nesse percurso, deixou de ser um “conteúdo” para ser uma experiência, uma forma de se perceber no mundo, de se expressar nele e, portanto, de se educar. Além disso, a experiência contribuiu para repensar a própria função da dança na Educação Infantil, como aponta Barbosa (2010), a infância precisa ser compreendida não como um “vir a ser”, mas como uma existência plena, com linguagem, tempo e sentidos próprios. Nesse contexto, as propostas corporais devem acolher a escuta, o brincar e a criação como formas legítimas de produção de conhecimento, assim a dança na escola se mostra uma grande potência estruturante da prática pedagógica, capaz de articular corpo, espaço, relação, linguagem, estética e ética, considerando o corpo como produtor de sentido e não apenas como executante de ordens.

Por fim, a vivência também trouxe aprendizados valiosos para a formação docente: a importância de adaptar recursos ao contexto cultural das crianças, de escutar suas reações com atenção, e de planejar com abertura para o inesperado. A escola, como espaço de formação sensível, só ganha quando os corpos podem dançar, investigar, se deslocar e se inventar, lado a lado.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. de S. **Que dança é essa? Uma proposta para a educação infantil**. 2013. Dissertação (Mestrado em artes) – Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes.

LABAN, R. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

VIANNA, K. **A Dança**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

BARBOSA, M. C. S.. Pequenos, mas não menos potentes: a infância como tempo presente. *Leitura: Teoria & Prática ALB*, Campinas. V. 31 n. 61 p. 213 – 222, 2013.